CISION

Expresso

ID: 63932553

09-04-2016

Tiragem: 95150
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Informação Geral

Pág: 42
Cores: Cor
Área: 19,23 x 14,64 cm²
Corte: 1 de 1

Eurodeputada do PS visitou campos de refugiados e reporta sobre o tema

Refugiados: UE vê-se grega...

Ana Gomes

Percorri oito campos de refugiados na Grécia no passado fim de semana. O acampamento de 11 mil pessoas em Idomeni, na fronteira norte, ultrapassou tudo o que já vi nos piores campos em Timor, Sudão ou Iraque. Ora, Idomeni é Europa. E Europa é o que falta. Como li junto à fila de milhares de homens, mulheres e crianças à espera de alimentos: "Direitos Humanos não se aplicam aqui!".

Não trato aqui da chantagem de Erdogan, nem da ilusão europeia de poder *outsource* a solução para uma Turquia que não é "país seguro". Reforcei a perceção de que o acordo UE-Turquia, além de violar obrigações legais e morais, não vai funcionar. Afunda já a reputação europeia em matéria de direitos humanos e direito internacional: os *hotspots*/'centros fechados' são, de facto, centros de detenção. Vi-o em Moria, Lesbos: centro superlotado com 2500 pessoas chegadas depois de 20 de março. E os refugiados continuam a vir.

O acordo não funciona por não haver capacidades para o executar. Exangue pela austeridade, a Grécia — apesar da generosidade do povo — não tem funcionários nem dinheiro, recorrendo ao exército para montar infraestruturas, logística e segurança nos campos. O processamento de pedidos de asilo tem anos de atraso e está bloqueado. Tal como a reunificação familiar ou a recolocação noutros países (que não fazem ofertas de acolhimento — Portugal é reconhecida exceção). Os requerentes têm de formalizar o pedido por uma conexão via... Skype! Ora, na maioria dos campos não há Wi-Fi. E se acaso alguém consegue hoje acesso, é-lhe marcada entrevista para...junho!

O Conselho Europeu prometeu despachar milhares de peritos em apoio dos gregos. 400 para a EASO (Agência Europeia de Apoio ao Asilo) — mas só chegaram 35 esta semana (4 portugueses). Ao Frontex (Agência Europeia de Fronteiras) chegaram mais porque a prioridade não é acelerar asilo e recolocação, mas intensificar retornos para a Turquia.

Retornos forçados e ilegais — como se viu nos primeiros, não foi dada às pessoas a possibilidade de requererem asilo. Retornos desumanos por arrebanharem certas nacionalidades (paquistaneses e bangladeshiano), negando o direito de análise individual. Retornos perigosos para as ilhas e zonas que albergam as mais de 55.000 pessoas encalhadas na Grécia: todas recusam voltar à Turquia. Em revolta já se imolaram dois refugiados. Poderemos ver piores tragédias...

O acordo UE-Turquia não funciona também para travar as redes de passadores que exploram os refugiados. Pelo contrário, o acordo dá mais oportunidades de negócio às máfias, rápidas a criar novas e mais perigosas rotas. Que rondam em Idomeni, semeando a ilusão de que a fronteira vai reabrir, e em todos os campos procurando os mais vulneráveis, mulheres e crianças, muitas não-acompanhadas (e já 'desapareceram' 10 mil...). A via eficaz para negar o lucro aos traficantes seria abrir vias legais e seguras para requerer admissão na UE — o que o PE vem pedindo e o Conselho ignora!

Transferir pessoas de Idomeni para campos estruturados na Grécia ou para outros parceiros deve ser prioridade. Tal como reabrir fronteiras e restaurar o controlo Schengen: é intolerável que Comissão e Conselho, lestos a cair sobre Portugal e Grécia se não conseguirem cumprir décimas orçamentais, não suspendam fundos à Hungria, Áustria e outros que em gangue violam o acordo de Schengen, fechando fronteiras. Porque foi a barragem da chamada "rota dos Balcãs" que fez escalar esta crise na Grécia. Em que a Europa se vê grega e pode autodestruir-se.